



O Império fascista e as Vilas indígenas na Exposição Colonial de Nápoles em 1940

Palavras-Chave: Exposições coloniais, imagens, fascismo, colonialismo

Autor:

João Pedro Rangel Gomes da Silva

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz (orientador) [IFCH - Unicamp]

Prof. Dra. Fabiana Bruno (Co-orientadora) [IFCH – Unicamp]

Esta Iniciação Científica foi desenvolvida em continuidade à minha Iniciação Científica realizada entre 2019-2020 sobre a Exposição Colonial de Nápoles de 1940¹. Ambas as pesquisas se fundamentam no material documental dos registros fotográficos da construção e abertura da exposição sob duas perspectivas: 1) Uma verbo-visual da revista de arte mensal milanesa, *Emporium Parole e Figure* que conta com 63 fotografias e 13 páginas de pequenos tópicos descrevendo os espaços da exposição colonial de Nápoles e sua importância; 2) Outra essencialmente visual de Federico Patellani, fotógrafo oficial da exposição, que tem uma imensa parte de suas fotografias armazenadas no arquivo digital Lombardia Beni Culturali. Ao todo contabiliza-se 242 fotografias sobre a Mostra Triennale Delle Terre Italiane d'Oltremare.

A Exposição Colonial de Nápoles foi inaugurada em 9 de maio de 1940 exatamente 4 anos após a proclamação do império fascista com a anexação da Etiópia², quando finalmente a Itália havia conquistado “seu império”. Sendo a única nação europeia a perder para uma nação africana em 1885-86, essa vitória militar sobre a Etiópia foi celebrada enfaticamente. A exposição pretendia ser a mais completa síntese do poder colonizador italiano, documentando suas conquistas recentes e apresentando uma projeção ao futuro de expansão imperial conectada a herança do passado expansionista do Império Romano. Para isso, foi construído em Nápoles um grande complexo urbanístico com 54 edifícios, 36 pavilhões, uma arena com espaço para dez mil pessoas, dois teatros, uma piscina olímpica, um restaurante e café, um parque de diversões, um parque com animais, um aquário tropical, um sítio arqueológico e vilas indígenas onde os nativos originários das colônias deveriam ser expostos (*Revista Emporium Parole e Figure*, volume XCII, N.548, 1940, pp 57-69).

O objetivo desse trabalho foi me manter em torno de um setor específico da exposição: as Vilas Indígenas. Através deste setor é possível elucidar a interface e as relações entre Antropologia, Arte e Arquitetura em suas dinâmicas envolvidas na construção desse espaço, que se pretendeu autêntico. Essa autenticidade se deu através de um trabalho metódico que envolveu a pesquisa do antropólogo Lidio Cipriani *Abitazioni indigene dell’Africa Oriental Italiana*, publicada em conjunto com a exposição, bem como o transporte dos materiais de construção, vegetação, animais e trabalhadores das colônias para construir na exposição suas habitações tradicionais, onde eles posteriormente seriam expostos como exemplares da vivência cotidiana das colônias (MCLAREN, 2014)

¹ “De César a Mussolini!”: Expressões do Império fascista na Exposição Colonial de Nápoles em 1940. Resumo da última edição do Congresso PIBIC em: <https://www.prp.unicamp.br/inscricao-congresso/resumos/2020P17700A35472O3367.pdf>

² Este discurso pode ser acessado na íntegra em: <https://it.wikisource.org/wiki/Italia_-_9_maggio_1936,_Discorso_di_proclamazione_dell%27Impero> Acessado em 22 de abril de 2020.

Como nos apresenta McLaren (2014), as Vilas Indígenas da Mostra d'Oltremare foram compostas com um nível alto de precisão e atenção aos detalhes, tendo sua paisagem feita com uma variedade de espécies trazidas da África Oriental e levadas para o local, como acácias, eucaliptos, juníperus, tamarindos e até uma árvore antiga do mar vermelho. De maneira similar, os edifícios representavam uma variedade de configurações da África Oriental, incluindo uma série de vilarejos da Eritreia e Somália. Apesar de não se tratar de algo novo levar nativos para as exposições, algo que ocorreu desde a Exposição colonial de Londres de 1886, a composição das Vilas Indígenas da Mostra d'Oltremare se mostrou particular (MCLAREN, 2014, p. 305).

É importante se atentar a este empreendimento que privilegiava o visual, mas que também buscava associá-lo a outros sentidos dos espectadores que passassem pela experiência de visitar não apenas as colônias italianas, mas de ao mesmo tempo entrar em contato com a herança gloriosa do império romano, as conquistas recentes do império fascista e suas projeções para o futuro glorioso “De César a Mussolini”. A dimensão temporal é algo importante a ser pensado, em especial sobre a existência de múltiplos tempos na exposição que, dispostos e organizados calculadamente, eram interligados pela narrativa imperialista fascista.

Johannes Fabian (2013, 2014) expõe em seus trabalhos como em certo momento da Antropologia suas produções faziam parte essencial do imperialismo e colonialismo, em especial quando falavam em selvagem, primitivos, “iletrados” sem história e os estudavam com o objetivo de compreender a ascensão da civilização, a fim de confirmar o funcionamento de leis naturais da evolução, ou para revelar padrões de difusão de cultura. Fabian aponta uma contradição entre a prática e esse discurso antropológico fundamental: o reconhecimento de coetaneidade na pesquisa de campo e a sua sistemática negação no discurso antropológico (FABIAN, 2014, p. 204) que pode ser vista no trabalho de Lidio Cipriani e nas Vilas Indígenas aqui trabalhadas. Todos eram contemporâneos neste momento histórico preciso, não havia maneira de se realizar essas pesquisas e exposições sem que esses atores compartilhassem o mesmo tempo.

Durante o desenvolvimento deste trabalho tive grandes dificuldade de acesso ao livro de Cipriani publicado junto com a exposição ou a trabalhos que explorassem sistematicamente a vida e atuação do antropólogo Lidio Cipriani. No decorrer da pesquisa percebi como na verdade não há um grande volume de trabalhos sobre Cipriani e que os trabalhos que exploram esse universo colonial italiano se localizam entre a década de 90 até alguns trabalhos mais recentes. Não pude descobrir, no entanto, as razões para isso para além do fato da dificuldade de se discutir abertamente o passado incômodo colonial italiano no país, como apontam Jasper Chaldcraft (2018) e Von Henneberg (2004) em seus trabalhos sobre como a memória colonial vem sendo produzida no contexto italiano.

Chaldcraft (2018) pontua como as instituições italianas de memória tem uma qualidade de amnesia. Não existem museus específicos dedicados ao colonialismo italiano e não há uma tentativa de reinterpretar sistematicamente lugares na Itália que estão diretamente relacionados ao passado colonial. O autor apresenta como a Itália apresentou sua imagem após a guerra como um “modernizador benevolente”, uma construtora de estradas, escolas e hospitais. Já Henneberg (2004) aponta como houve por parte dos italianos pouco esforço para examinar as guerras coloniais da nação. É marcante o esforço por parte dos líderes no pós-guerra de minimizar a violência colonial presente no período imperial e fascista da colonização italiana, o que possibilitaria uma reintegração em um Ocidente moderado e democrático. Ainda é necessário dizer que com a esperança de se manter o controle sobre algumas das colônias, alguns oficiais das colônias procuraram dissociar o imperialismo do fascismo anunciando o lugar da Itália enquanto construtora de estradas, hospitais e escolas (VON HENNEBERG, 2004, p. 38). Além disso, como Henneberg expõe, foi comum também no período pós-guerra a ideia de que grande parte dos italianos foram cúmplices relutantes ou comparsas passíveis na violência fascista imperial, criando-se assim uma situação confortável para a identidade italiana do pós-guerra.

Lendo os trabalhos de Cecchi e Stanyon (2014), Surdich (1981) e Tacchetto (2018) fui capaz de elaborar uma possível cronologia de Lidio Cipriani e suas relações com o desenvolvimento da disciplina antropológica na Itália e do regime fascista em sua crescente autoritária e racista. Como Tacchetto (2018) aponta, desde os anos 20 Cipriani já produzia artigos que colaboravam na legitimação da política colonial do governo italiano, fornecendo embasamento científico. Em 1923 ele foi nomeado assistente voluntário no *Museo nazionale di*

antropologia ed etnologia di Firenze. Em 1926 ele obtém a livre docência em antropologia e inicia uma série de viagens na África inaugurando e fazendo parte de missões de pesquisa. Nessas oportunidades Cipriani aproveitou para reunir uma grande quantidade de material de diversas populações africanas, esses materiais eram espécimes botânicas e zoológicas, máscaras faciais, restos mortais, utensílios pré-históricos e milhares de registros fotográficos. Em 30 de abril de 1932 o Rei Vittorio Emanuele III inaugurou uma nova seção do *Museo Nazionale di Antropologia ed Etnologia*, sendo guiado por Nelli Puccioni, naquele momento diretor do museu, e Lidio Cipriani que haviam realizado a curadoria do museu. Taccheto (2018) mobilizando Moggi-Cecchi e Stanyon aponta que o objetivo dessa musealização era fazer de Firenze centro e base das reafirmações de todos os valores espirituais e intelectuais do fascismo, a autora coloca também que a presença do Rei demonstraria a vontade do governo fascista de participar da vida científica e cultural do museu, com o objetivo de envolver os cientistas italianos no projeto de demonstrar a superioridade biológica e cultural da “raça italiana”, financiando atividades de pesquisa dos antropólogos através de instituições públicas. Cipriani, portanto, não estava sozinho, havia uma rede não só de antropólogos, mas diversos outros pesquisadores, professores de outras áreas que colaboraram ativamente com o fascismo e o desenvolvimento das teorias racistas que legitimaram o fascismo em sua empreitada colonial.

Estas missões “científicas” tiveram uma forte ressonância, precisamente porque estavam ligadas à vontade da propaganda colonial do regime fascista (CECCHI e STANYON, 2014; TACCHETTO, 2018). Não à toa Cipriani fez parte da redação do *Manifesto della razza*, onde ele havia uma seção inteira dedicada a seus estudos e seus retratos fotográficos que buscavam legitimar a noção de raça, fixando estereótipos na construção da alteridade. Totalmente alinhado com o regime fascista, em 1938 ele é um dos 10 signatários do manifesto *Il fascismo e i problemi della razza*, também conhecida como *Manifesto degli scienziati razzisti* ou *Manifesto della razza*. Documento este que teorizava a concepção biológica do racismo, afirmava a existência de uma raça italiana ariana pura e a não possibilidade de assimilação com os judeus, que pertenceriam a uma outra raça não europeia, assim como os negros. Este manifesto atendia também ao objetivo de demonstrar a suposta superioridade biológica e cultural da raça italiana, para afirmar o seu papel na violência e guerra, a implementar as políticas eugênicas e migrações internas para a criação do “novo homem fascista”.

Taccheto (2018) coloca como o período entre as duas guerras foi crucial para o desenvolvimento da disciplina antropológica na Itália, pelo vínculo que estabeleceu com a ideologia racista do regime fascista. Nesse sentido, Lidio Cipriani é um antropólogo que evidencia essa conexão, pois ele era convencido da inferioridade dos povos africanos, foi um dos signatários do *Manifesto degli scienziati razzisti* e ocupava uma posição de poder no contexto acadêmico sendo diretor do *Museo Nazionale di Antropologia ed Etnologia* até 1940. Seu envolvimento com a Exposição Colonial de Nápoles também é fundamental, pois é sobretudo na Exposição que se materializa o racismo concomitantemente a uma auto imaginação do que consistiria no “homem italiano”.

É interessante neste momento observar a resenha de R. Biasutti (1941) sobre o livro *Abitazioni indigene dell’Africa Oriental Italiana* que foi publicado junto a Exposição de Nápoles. Nesta resenha o autor coloca que o trabalho de Cipriani contribuía ao esforço intelectual do período de se sistematizar e classificar as formas regionais de habitação e suas estruturas gerais junto a outros antropólogos e geógrafos. No entanto, o que mais me chamou a atenção foi ao final quando o autor aponta que a documentação reunida por Cipriani contribuía para o estudo de vários traços interessantes do “nosso” domínio africano. Esse “nosso” domínio ficou ecoando em minha mente à luz das reflexões de Edward Said (2011) e Benedict Anderson (2008), pois este domínio se refere não apenas ao intelectual, mas também a um domínio territorial e militar. Evidenciando assim a conexão entre a produção de um saber colonial e o empreendimento colonial italiano na África Oriental. Este saber foi parte crucial da legitimação da dominação colonial só possível a partir da produção de alteridades e de uma auto imaginação italiana.

O próprio Cipriani na conferência organizada pela Reale Accademia d’Italia em 1938 sobre a África afirmou:

Que poder colonial vai sonhar em fazer com que africanos construam navios, aviões, trens, canhões e por aí vai? Por que deveríamos criar ilusões então? Não seria melhor

contar a verdade, pelo menos entre nós? É tempo, ele afirmou, de abandonar todas as mentiras usadas no passado pelas forças coloniais e dizer o que estamos realmente pensando: Nós estamos nas coloniais sabendo e abertamente dizendo que nunca vamos sair (ROTA, 2013, p. 175)³

É brutal a sinceridade com que Cipriani assume sem qualquer constrangimento o projeto colonial fascista italiano, e ao mesmo tempo, escancara a teoria racial da qual ele e muitos outros italianos e estrangeiros contribuíram a formar. Esta conferência em particular contava com a presença de 126 pesquisadores italianos, alemães, britânicos, ingleses, belgas, poloneses, espanhóis e um búlgaro, iugoslavo, norueguês, holandês, sueco, português, suíço e do vaticano. Nesse momento a Itália já era percebida como uma “má companhia” pelos Estados europeus liberais e democráticos devido ao regime fascista, no entanto, neste evento, em que estava colocada em questão a intersecção entre colonialismo e racismo, foi possível um consenso entre os participantes. Rota (2013) coloca em seu texto como este consenso se formou em torno do desejo de explorar a África, sendo deixadas de lado então suas diferenças ideológicas. Evidentemente, essa coerência talvez não fosse possível para além desse ambiente acadêmico do evento, mas não podemos ignorar que o mito de unidade europeia apresentado na conferência, de que seria um direito dos brancos europeus colonizar a África, tenha parecido plausível sob os fins do colonialismo (ROTA, 2013, p. 172).

Mas e as Vilas Indígenas? A esta altura imagino que tenha ficado mais ou menos clara a grande rede de pesquisadores e profissionais que contribuíram para a produção de muito conhecimento sobre as populações africanas que se localizavam nas colônias italianas, também como esta rede e o fascismo se retroalimentaram a fim de produzir justificativas para o domínio colonial italiano, sua suposta superioridade e conseqüentemente para uma base teórica racista. Dessa maneira, as Vilas Indígenas e a Exposição Colonial de Nápoles nos revelam os imbricamentos entre diferentes campos de conhecimentos que serviram ao colonialismo como uma forma de se legitimar a violência e o domínio colonial. A Antropologia teve um papel importante nesse processo por ter contribuído à construção de uma alteridade hierarquizada e fixada no tempo, de maneira que os nativos africanos eram colocados em um lugar inferior ao supostamente civilizado italiano. Algo comum a outros contextos europeus, que necessita ser investigado e debatido abertamente.

Diante de posicionamentos, declarações e monumentos tão claros a respeito do projeto colonial e fascista italiano é intrigante como construções de celebração do colonialismo podem ser propositalmente desvinculados de suas histórias ligadas a violência da dominação colonial, podendo ser incorporados à paisagem de uma cidade ou algum parque sem provocar questionamentos. O perturbador do caso do complexo expositivo da Mostra d'Oltremare é como pode ali coexistir ruínas, vestígios do passado colonial italiano e este mesmo passado ser reprimido, silenciado e esquecido. Uma ausência e presença simultânea decorrente da maneira como a memória do colonialismo italiano é agenciada no presente como nos mostram Chalcraft (2018) e Von Henneberg (2004). No site atual do complexo expositivo onde foi realizada a Exposição Colonial não há qualquer menção, nem palavras e nem imagens, à história do local de forma crítica, muito menos das Vilas Indígenas, este pequeno, porém fundamental setor da exposição.

Assim, as montagens elaboradas por mim nesta Iniciação Científica reivindicam um trabalho possível a ser feito com as imagens e a evidenciar o lugar das imagens enquanto agentes e não objetos inertes. Através da leitura de autores como Barthes (2017), Bruno (2009), Didi-Huberman (2013), Samain (2012), Warburg (2010) foi possível pensar as imagens dentro de sua complexidade histórica de carregar em si diversos tempos e colocar em relação muitas coisas, inclusive nós que as observamos no presente. Há muito além para o que está na ordem do visível das imagens, elas transbordam de meras significações. Em busca das expressões do Império Fascista encontrei, por exemplo, gestos expressivos e emoções ligadas ao que Warburg (2010) construiu em sua prancha número 7 sobre o pathos do vitorioso e pude assim elaborar questões sobre os próprios gestos expressivos e emoções presentes na Exposição Colonial de Nápoles. Assim foi possível enfrentar o

³ Which colonial power will ever dream of enabling Africans to build ships, airplanes, train, cannons and so on? Why should we create illusions then? Wouldn't it be better to tell the truth, at least when we are among ourselves?'⁴⁷ It was time, he claimed, to abandon all the lies used in the past by the colonial powers and say what they were really thinking: 'We are in the colonies knowing and openly saying that we will never leave.

silenciamento que persiste sobre esse momento de constituição e disseminação do racismo, sua construção visual e suas sobrevivências contemporâneas. A Exposição Colonial de Nápoles foi a última exposição fascista e colonial italiana e, no entanto, a exotização do “outro” e os efeitos do racismo para sua desumanização estão na ordem do dia.

Referências Bibliográficas:

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara - Coleção 50 Anos**. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BIASUTTI, R. **Review of Abitazioni indigene dell’Africa Orientale Italiana**. *Rassegna di Studi Etiopici*, v. 1, n. 2, p. 208–209, 1941.

BRUNO, Fabiana. **Fotobiografia : por uma metodologia da estética em antropologia**. 2009. Doutorado em Multimeios – Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284018>>. Acesso em: 27 abr 2019.

CECCHI, Jacopo Moggi e STANYON, Roscoe. **Il Museo di Storia Naturale dell’Università degli Studi di Firenze. Le collezioni antropologiche ed etnologiche / The Museum of Natural History of the University of Florence. The Anthropological and Ethnological Collections**. 2014. Firenze University Press, 2014. . Acesso em: 25 ago 2021.

CHALCRAFT, Jasper. **Beyond Addis Ababa and Affile: Italian Public Memory, Heritage and Colonialism**. SSRN Scholarly Paper, nº ID 3304585. Rochester, NY: Social Science Research Network, 1 Dez 2018. Disponível em: <<https://papers.ssrn.com/abstract=3304585>>. Acesso em: 16 ago 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A Imagem Sobrevivente - História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

FABIAN, Johannes. **Ethnography and intersubjectivity: Loose ends**. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 4, n. 1, p. 199–209, 22 Jun 2014.

FABIAN, Johannes. **Tempo e o outro: Como a antropologia estabelece seu objeto**. 1ª edição ed. [S.l.]: Editora Vozes, 2013.

MCLAREN, Brian L. **Architecture During Wartime: The Mostra d’Oltremare and Esposizione Universale di Roma**. *Architectural Theory Review*, v. 19, n. 3, p. 299–318, 2 Set 2014.

ROTA, Emanuel. **‘We Will Never Leave.’ The Reale Accademia d’Italia and the Invention of a Fascist Africanism**. *Fascism*, v. 2, n. 2, p. 161–182, 1 Jan 2013.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. [S.l.]: Editora da Unicamp, 2012. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8kg4p>>. Acesso em: 16 ago 2020.

SURDICH, Francesco. **CIPRIANI, Lidio in “Dizionario Biografico”**. Disponível em: <[https://www.treccani.it/enciclopedia/lidio-cipriani_\(Dizionario-Biografico\)](https://www.treccani.it/enciclopedia/lidio-cipriani_(Dizionario-Biografico))>. Acesso em: 25 ago 2021.

TACCHETTO, Eleonora. **Lidio Cipriani: l’antropologo al servizio del Fascismo. Imago animi. Volti dal passato**. Trento: Università degli Studi di Padova, 2018. .

VON HENNEBERG, Krystyna Clara. **Monuments, Public Space, and the Memory of Empire in Modern Italy**. *History & Memory*, v. 16, n. 1, p. 37–85, 2004.

WARBURG, Aby. **Atlas Mnemosyne**. 1ª ed. Madri: Akal, 2010.